



## Uma revisão sistemática crítica sobre autoetnografia e marxismo: Indícios para identificar este (des)encontro

Leonardo Carnut, Cristhian Ricardo Schieck, Lucia Dias da Silva  
Guerra, Áquilas Mendes

**Resumo: Introdução:** No Brasil, a autoetnografia vem sendo explorada enquanto método há pouco tempo, especialmente por haver uma grande resistência na sua utilização. Tampouco a autoetnografia vem sendo validada pelos periódicos científicos da área da saúde. Para complexificar este cenário, quando pensamos em uma perspectiva crítica, para além da descrição e análise do empírico em tela, a autoetnografia tem padecido de elementos que reforcem o caráter crítico de sua reflexividade. **Objetivos:** Diante desta lacuna, é que o objetivo deste estudo é revisar a produção científica internacional sobre a autoetnografia enquanto método de pesquisa e seu potencial diálogo com a perspectiva marxista. **Métodos:** Este estudo será uma revisão sistemática crítica da literatura cuja pergunta de pesquisa será: "o que a literatura internacional apresenta sobre autoetnografia em diálogo com a perspectiva marxista?". Foi realizada uma busca exploratória nos principais periódicos internacionais que discutem questões metodológicas e se demonstram abertos à teoria marxista e marxiana. 21 periódicos internacionais diferentes, sendo majoritariamente periódicos europeus e norte americanos foram identificados. Ao realizar a busca "autoethnography" AND "marx" nos periódicos escolhidos, foram encontrados 134 artigos disponíveis. Após o processo de seleção, permaneceram 12 artigos, considerados incluídos na presente revisão, para leitura na íntegra. **Conclusões:** A remanescência de 12 estudos que aproximam o método da autoetnografia com a perspectiva da teoria social de Marx parece ser um achado importante de justifica a insistência neste caminho. Ou seja, por mais escasso que seja, existem estudos que realizam este encontro.

**Palavras-chave:** Antropologia; Etnografia; Ciências Sociais; Pesquisa Qualitativa; Revisão.

**A critical systematic review on autoethnography and Marxism: Traces to identify this (mis)encounter**

**Abstract: Introduction:** In Brazil, autoethnography has been explored as a method for a short time, especially because there is great resistance to its use. Neither has autoethnography been validated by scientific journals in the health area. To complicate this scenario, when we think of a critical perspective, in addition to the description and analysis of the empirical in question, autoethnography has suffered from elements that reinforce the critical character of its reflexivity. **Objectives:** Given this gap, the objective of this study is to review the international scientific production on autoethnography as a research method and its potential dialogue with the Marxist perspective. **Methods:** This study will be a critical systematic review of the literature whose research question will be: "what does the international literature present on autoethnography in dialogue with the Marxist perspective?". An exploratory search was carried out in the main international journals that discuss methodological issues and are open to Marxist and Marxian theory. 21 different international journals, mostly European and North American journals, were identified. When performing the search "autoethnography" AND "marx" in the chosen journals, 134 articles were found. After the selection process, 12 articles remained, considered included in this review, for full reading. **Conclusions:** The remainder of 12 studies that approach the method of autoethnography with the perspective of Marx's social theory seems to be an important finding that justifies the insistence on this path. In other words, as scarce as it is, there are studies that carry out this meeting.

**Keywords:** Anthropology; Ethnography; Social Sciences; Qualitative Research; Review.

## 1. Introdução

A pesquisa qualitativa em saúde tem sido a área de pesquisa que recolhe informações de cunho social e cultural frente às questões da saúde. O campo da pesquisa qualitativa em saúde é também uma reafirmação da ciência não-hegemônica, ou seja, de amplo questionamento acerca da produção do conhecimento realizada pela ciência de caráter positivista e exata como forma hegemônica de produção de conhecimento a ser seguida (Nakamura, 2011; Langdon, 2014).

O conhecimento antropológico tem sido frequentemente requisitado pelo campo de pesquisa qualitativa em saúde. Não obstante, esta interface tem confluído de maneira potente na conformação do que se denomina a área da ‘antropologia da saúde’. Esta área tem realizado pesquisas utilizando métodos originalmente das ciências sociais e aplicados à área da saúde. O objetivo desta área é o de ampliar a compreensão das questões que emergem da população e das práticas profissionais na área da saúde, considerando a questão social e cultural como fatores que permitem (ou não) melhores condições de vida ao indivíduos e coletividades. A partir dos temas explorados pelos estudos, estes tornam-se recursos e ferramenta para a atuação profissional em saúde por meio de políticas sociais e abrem-se para aprofundamento enquanto campo de estudo e de produção de conhecimento.

Dentre os métodos utilizados, uma das opções tem sido o uso da ‘etnografia’ como método de recolhimento de informações e aproximação do diferente, uma vez que a etnografia se centra no “etno”, ou seja, no estudo do sociocultural da diversidade existente. Assim o pesquisador, ao ir a campo, precisa se inserir socioculturalmente nele e, por isso, finda por experimentar aquele modo de vida em alguma medida (Nakamura, 2011; Langdon, 2014).

Como integrante da etnografia, a ‘autoetnografia’ surge como possibilidade de descrever, sistematizar e analisar experiências pessoais (auto) para entender a experiência cultural (grafia) e a experiência em comunidade (etno). Trata-se de um método que inclui os aspectos da subjetividade, a troca afetiva do pesquisador em questão com determinada população e a atribuição de significado (a do pesquisador e das demais participantes da pesquisa pela leitura do pesquisador) e lança luz a isso, em vez de esforçar-se em busca de assegurar uma suposta neutralidade inexistente. A autoetnografia traz consigo o conceito de reflexividade, o qual busca olhar e refletir a partir daquilo que o pesquisador vive, a partir das relações que são estabelecidas entre ‘pesquisador’ e ‘campo’ e o que possa a emergir pelo caminhar da pesquisa (Bochner et al., 2011).

Em uma perspectiva histórica, a autoetnografia partiu do campo das ciências sociais, especificamente do campo da Antropologia Social. Este último desenvolveu pesquisas com o método da etnografia para entender aspectos culturais e de atribuição do significado à diferentes sociedades. A partir do uso da antropologia e do uso da etnografia, entendeu-se que estas poderiam aplicar-se a outras áreas, pois trata-se de um campo transversal a todos os outros e portanto, passaram-se a ser exploradas por pesquisas de caráter antropológico no campo da saúde. A autoetnografia encontra-se como uma das possibilidades de coleta de dados dentre outras que a etnografia nos apresenta e, que, neste estudo a exploraremos (Caprara & Landim, 2008; Langdon, 2014).

A autoetnografia é um método que vem sendo utilizado nos últimos 20 anos em pesquisas em diferentes países do mundo, sobretudo nos países do norte global (Estados Unidos e Europa). A nível mundial, a autoetnografia tem ganhado maiores proporções e com isso, tem sido mais utilizada para diferentes tipos de estudo e também bastante discutida em estudos que analisam a questão do método, os quais também a tem trazido como uma opção aos pesquisadores do campo da pesquisa qualitativa (Bochner & Ellis, 2000; Bochner et al., 2011; Bochner, Adams, & Ellis, 2011; Atay & Chawla, 2018).

No Brasil, a autoetnografia vem sendo explorada enquanto método há menos tempo, onde ainda encontra grande resistência na sua utilização. Tampouco a autoetnografia vem sendo validada pelos periódicos científicos da área da saúde. Ao contrário, percebe-se que a maior parte da produção científica faz uso da etnografia compreendida enquanto ‘etnografia clássica’. Há grande produção a partir do campo das ciências sociais e em processo de ampliação para o campo da antropologia em saúde, contudo a autoetnografia ainda encontra-se com pouca penetrabilidade na saúde.

Para complexificar este cenário, quando pensamos em uma perspectiva crítica, para além da descrição e análise do empírico em tela, a autoetnografia tem padecido de elementos que reforcem o caráter crítico de sua reflexividade. Sendo considerada um bom método para capturar a imediatez dos fatos, esta sua

característica pode ser potencializada com uma visão crítica que ultrapasse a imediatividade do mundo empírico e faça o sujeito (auto) refletir criticamente sobre o cenário de múltiplas sensações que o atravessa. É neste sentido que a perspectiva marxista tem sido convocada a fundir-se na experiência autoetnográfica como forma de repensar o mundo empírico imediato com uso desta lente. Contudo, ainda assim, pouco se sabe como esta fusão entre autoetnografia e a perspectiva marxista tem sido proporcionadas nas investigações com este método.

Diante desta lacuna, é que este trabalho justifica-se pela necessidade de ampliação dos estudos no Brasil acerca da autoetnografia enquanto uma opção metodológica, bem como discutir de que maneira se tornaria possível a aproximação da autoetnografia enquanto método de pesquisa com a teoria marxista (Santos, 2017). Assim, o objetivo deste estudo é revisar a produção científica internacional sobre a autoetnografia enquanto método de pesquisa e seu potencial diálogo com a perspectiva marxista.

## 2. Metodologia

Este estudo será uma revisão sistemática crítica da literatura cuja pergunta de pesquisa será: “o que a literatura internacional apresenta sobre autoetnografia em diálogo com a perspectiva marxista?”

Esta revisão busca conhecer a literatura em periódicos internacionais com foco metodológico, uma vez que não existem periódicos nacionais que discutem diretamente este método e que são abertas à teoria marxista e marxiana. Nesta perspectiva, entende-se ser fundamental compreender o que há de produções e o que essas produções discutem sobre autoetnografia e marxismo.

Inicialmente, foi realizada uma busca exploratória nos principais periódicos internacionais que discutem questões metodológicas e se demonstram abertos à teoria marxista e marxiana. Dentre estes, verificou-se alguns periódicos que publicam estudos com foco metodológico, uma vez que corresponde aos objetivos deste estudo. A partir da seleção de periódicos pelos critérios citados anteriormente, chegou-se ao número de 21 periódicos internacionais diferentes, sendo majoritariamente periódicos europeus e norte americanos. São eles: 1) *Qualitative Research*; 2) *Journal Of Contemporary Ethnography*; 3) *Historical Social Research*; 4) *Forum: Social Qualitative Research*; 5) *International Journal Of Qualitative Methods*; 6) *Cultural Studies ↔ Critical Methodologies*; 7) *New Proposals: Journal of Marxism and Interdisciplinary Inquiry*; 8) *Qualitative Health Research*; 9) *American Anthropologist*; 10) *Critical Sociology*; 11) *European Journal of Sociology*; 12) *Economics and Philosophy*; 13) *International Labor and Working Class History*; 14) *Journal of Classical Sociology*; 15) *Monthly Review*; 16) *Millenium*; 17) *Österreichische Zeitschrift für Soziologie*; 18) *Review of International Studies*; 19) *Journal of Women in Culture & Society*; 20) *Theory & Psychology*; 21) *Sociology*.

Para esta revisão, foram utilizados termos livres como os buscadores. Foram eles: “autoethnography”; “autoethnography AND Marx”; e “critical autoethnography”. A partir dos resultados destes três descritores, percebeu-se que a associação de descritores “Autoethnography” AND “Marx” corresponderia melhor aos objetivos da pesquisa, descartando-se os demais.

Ao realizar a busca “autoethnography” AND “marx” nos periódicos escolhidos, foram encontrados 132 artigos disponíveis, onde, posteriormente 4 foram excluídos por repetição e 2 estavam classificados como “volume inteiro” – totalizando 126 artigos elegíveis para próxima etapa da pesquisa (quadro 1).

**Quadro 1.** Relação dos artigos levantados pela busca “autoethnography” AND “marx”, segundo as revistas selecionadas.

Revistas	"Autoethnography AND Marx"
1. <i>Qualitative Research</i> (03)	Reading and Writing Performance
	Validity in qualitative research revisited Positivity in qualitative research: examples from the organized field of postmodernism/poststructuralism
2. <i>Journal Of Contemporary Ethnography</i> (02)	A Long-Neglected Mother of Contemporary Ethnography
	Toward a Militant Ethnography of Infrastructure: Cybercartographies of Order, Scale, and Scope across the Occupy Movement
3. <i>Historical Social Research</i> (05)	Narratives of place, culture and identity: second-generation Greek-Americans return 'home'

	<p>Historical Social Research: an international journal for the application of formal methods to history, 2004-2014; an overview</p> <p>Handlungs- und Interaktionskrisen: Eine Annäherung in systematisierender Absicht</p> <p>Sociology of rural life</p> <p>HSR Abstracts &amp; Author Index, 2004-2014</p>
<b>4. Forum: social qualitative research (02)</b>	<p>A Millennial Methodology? Autoethnographic Research in Do-It-Yourself (DIY) Punk and Activist Communities</p> <p>Navigating the Politics of Fieldwork Using Institutional Ethnography: Strategies for Practice</p>
<b>5. International Journal Of Qualitative Methods (03)</b>	<p>The Encounters and Challenges of Ethnography as a Methodology in Health Research</p> <p>2008 AQM: Advances in Qualitative Methods: Conference Abstracts: International Journal of Qualitative Methods: Volume 8, Issue 3 September 2009</p> <p>Imagination as Method</p>
<b>6. Cultural Studies ↔ Critical Methodologies (13)</b>	<p>The Usual Suspect: Negotiating White Student Resistance and Teacher Authority in a Predominantly White Classroom</p> <p>The Biopolitics of Privilege: Negotiating Class, Masculinity, and Relationships</p> <p>Subjects of Technology: An AutoArcheology of Attention Deficit Disorder in Neoliberal Time(s)</p> <p>The Waitress: On Affect, Method, and (Re)presentation</p> <p>On the Relationship of the Criticism of Ethnographic Writing and the Cultural Studies of Science</p> <p>Collaborative Writing in Real Time</p> <p>Acts of Activism ↔ Politics of Possibility: Toward a New Performative Cultural Politics</p> <p>Deterritorializing Disciplinarity: Toward an Immanent Pedagogy</p> <p>Navigating the Corporate University: Reflections on the Politics of Research in Neoliberal Times</p> <p>Top Ten + List: (Re)Thinking Ontology in (Post)Qualitative Research</p> <p>Special Issue: From One to An-other: Auto-ethnographic Explorations in Southern Africa</p> <p>An Experiment in Second Person Writing: Notes on a Partial Jewish Identity</p> <p>Talk Dirty/Get Arrested: Policing Social Class Discourse in Education Cultural Studies</p>
<b>7. New Proposals: Journal of Marxism and Interdisciplinary Inquiry (03 artigos)</b>	<p>My Protest Body: Encounters with Affect, Embodiment, and Neoliberal Political Economy</p> <p>The Gnostic Tourist: Gambling, Fly-Fishing, and the Seduction of the Middle Class</p> <p>Introduction: New Perspectives on the Business University</p>
<b>8. Qualitative Health Research (01)</b>	<p>The Advantages and Disadvantages of Mixing Methods: An Analysis of Combining Traditional and Autoethnographic Approaches</p>
<b>9. American Anthropologist (31)</b>	<p>The Ethnographic I: A Methodological Novel about Autoethnography</p> <p>Asian American Religions: The Making and Remaking of Borders and Boundaries</p> <p>Early Inhabitants of the Amazonian Tropical Rain Forest: A Study of Humans and Environmental Dynamics</p> <p>From Racism to Genocide: Anthropology in the Third Reich</p> <p>Creating the Creole Island: Slavery in Eighteenth-Century Mauritius</p> <p>The Culture of Migration in Southern Mexico</p> <p>Now I Know Only So Far: Essays in Ethnopoetics</p> <p>The Other Side of Middletown: Exploring Muncie's African American Community</p> <p>Race to the Finish: Identity and Governance in an Age of Genomics</p> <p>From Mukogodo to Maasai: Ethnicity and Cultural Change in Kenya</p> <p>Foundations of Social Archaeology: Selected Writings of V. Gordon Childe</p> <p>Around the Tuscan Table: Food, Family and Gender in Twentieth-Century Florence</p>

	Archaeology beyond Dialogue Chronicling Cultures: Long-Term Field Research in Anthropology Global Assemblages: Technology, Politics, and Ethics as Anthropological Problems Modes of Religiosity: A Cognitive Theory of Religious Transmission Voices of Modernity: Language Ideologies and the Politics of Inequality The Price of Poverty: Money, Work, and Culture in the Mexican American Barrio Medieval Archaeology: Understanding Traditions and Contemporary Approaches The End of the Soul: Scientific Modernity, Atheism, and Anthropology in France Archaeology as a Process: Processualism and Its Progeny Creole Transformation from Slavery to Freedom: Historical Archaeology of the East End Community, St. John, Virgin Islands Linguistic Diversity in the South: Changing Codes, Practices, and Ideology The Anthropology of Development and Globalization: From Classical Political Economy to Contemporary Neoliberalism Ethnoecology: Situated Knowledge/Located Lives Identity and Development: Tongan Culture, Agriculture, and the Perenniality of the Gift A Moral Critique of Development: In Search of Global Responsibilities The Predicament of Chukotka's Indigenous Movement: Post-Soviet Activism in the Russian Far North Callaloo Nation: Metaphors of Race and Religious Identities among South Asians in Trinidad Fraternal Capital: Peasant Workers, Self-Made Men and Globalization in Provincial India Social Movements: An Anthropological Reader
<b>10. Critical Sociology (1)</b>	Teaching Race at Historically White Colleges and Universities: Identifying and Dismantling the Walls of Whiteness Class and Hierarchy: a critique of Marx? Karl Marx, Just a Nineteenth-Century Intellectual? - Gareth Stedman Jones, <i>Karl Marx. Greatness and Illusion</i> (London, Allen Lane, 2016) Le rôle de l'individu dans la société pré-révolutionnaire: Stirner, Marx, Hegel Down with Eurocentrism, Up with Marx - Alexander Anievas and Kerem Nisancioglu, <i>How the West Came to Rule: The Geopolitical Origins of Capitalism</i> (Pluto Press, London, 2015)
<b>11. European Journal of Sociology (12)</b>	System Contradiction and Political Transformation States, Ancient and Modern Class and political action in nineteenth-century England: Theoretical and comparative perspectives Les sociologues et les institutions représentatives The origin and development of the concept of the 'laws of nature' The Ideas of the Founding Fathers Une interprétation de la théorie de la religion selon Max Weber Über Einige Probleme der Soziologischen Theorie der Revolution
<b>12. Economics and Philosophy (08)</b>	Marx and Disequilibrium: Comment Marx And Disequilibrium in Market Socialist Relations of Production Marx and Keynes on Economic Recession: The Theory of Unemployment and Effective Demand, Claudio Sardoní. New York: New York University Press, 1987, xiv + 152 pages. Market Socialist Capitalist Readers: <i>A Comment on Arnold</i> Asset Inequality, Economic Vulnerability and Relational Exploitation Capital Without Wage-Labour: Marx's Modes of Subsumption Revisited Ne Hic Saltaveris: The Marxian Theory of Exploitation After Roemer Final Reply to Professor Schweickart

	<p>A Centenary Conference on Marx</p> <p>Marx, Russia, and Soviet History</p> <p>Richard E. Hunt, <i>The Political Ideas of Marx and Engels: Classical Marxism, 1850–1895</i>. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1984. 421 pp.</p> <p>Herbert Steiner, <i>Karl Marx in Wien: Die Arbeiterbewegung zwischen Revolution und Restauration 1848</i> (Vienna, Europaverlag, 1978). 223 pp.</p>
<b>13. International Labor and Working Class History (10)</b>	<p>Richard N. Hunt, <i>The Political Ideas of Marx and Engels. I: Marxism and Totalitarian Democracy, 1818–1850</i> (Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, 1974), xiv + 363 pp</p> <p>Worker Internationalism and Italian Labor Migration, 1870–1914</p> <p>Kenneth M. Straus, <i>Factory and Community in Stalin's Russia: The Making of an Industrial Working Class</i>. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1997. ix + 355 pp. \$55.00 cloth.</p> <p>EUROSOC—European Socialism Network</p> <p>The Abstract Slave: Anti-Blackness and Marx's Method</p> <p>An Extraordinary Man, An Extraordinary Historian</p>
<b>14. Journal of Classical Sociology (1)</b>	<p>Clashing Interpretations of Bourdieu's Theory of Practice: Derek Robbins, On Bourdieu, Education and Society. Oxford: Bardwell Press, 2006.</p>
<b>15. Monthly Review (1)</b>	<p>Subverting the Master('s) Syllabus</p>
<b>16. Millennium (2)</b>	<p>Advancing a Reflexive International Relations</p> <p>Three Dialogic Imperatives in International Relations Scholarship: A Buberian Programme</p>
<b>17. Österreichische Zeitschrift für Soziologie (1)</b>	<p>Handlungs- und Interaktionskrisen</p> <p>The ethics of autoethnography</p> <p>Autoethnography – making human connections</p> <p>Introduction: forum on autoethnography and International Relations II</p> <p>Introduction to the RIS Forum on autoethnography and International Relations</p> <p>The 'I' in IR: an autoethnographic account</p> <p>Fictional IR and imagination: Advancing narrative approaches</p> <p>Transcending objectivism, subjectivism, and the knowledge in-between: the subject in/of 'strong reflexivity'</p> <p>On the history and politics of the social turn</p> <p>Marxism after Communism: beyond Realism and Historicism</p> <p>Geopolitics, social forces, and the international: Revisiting the 'Eastern Question'</p> <p>Communism, fascism and counter-revolution in world politics</p>
<b>18. Review of International Studies (23)</b>	<p>Transnational theories of order and change: heterodoxy in International Relations scholarship</p> <p>Adam Smith and ordoliberalism: on the political form of market liberty</p> <p>Things lost and found: Richard Ashley and the silences of thinking space</p> <p>What's the matter with realism?*</p> <p>Politics, Norms and Peaceful Change</p> <p>Reflections on the 'new' economic nationalism*</p> <p>Forum on <i>The Transformation of Political Community</i></p> <p>Soviet Russia and the Asian revolution, 1917–1924</p> <p>Speaking and hearing' Habermasian discourse ethics, feminism and IR</p> <p>Empire, imperialism and the Bush doctrine</p> <p>In the interest of peace and progress: Eduard Bernstein's socialist foreign policy</p> <p>Economic nationalism: from Friedrich List to Robert Reich</p>
<b>19. Journal of Women in Culture &amp; Society (1)</b>	<p>Gendered Sharecropping: Waged and Unwaged Mexican Immigrant Labor in the California Strawberry Fields</p>

20. Theory & Psychology (1)	Dialogically based approaches to “with” and “about” the other: Thoughts on Carl Rogers’ dilemma
21. Sociology (2)	A Methodology for the Marginalised: Surviving Oppression and Traumatic Fieldwork in the Neoliberal Academy Digitizing Sociology: Continuity and Change in the Internet Era

**Fonte:** Elaboração própria.

Para avançar, foi realizada a leitura dos títulos destes 126 artigos e por meio desta leitura, foi realizada nova seleção de artigos, tendo como critério para seleção aqueles que possuíam “autoetnografia” e/ou “metodologia” no título e como critério de exclusão aqueles que não tinham estes termos. Assim, foram excluídos 101 artigos e permaneceram 21 artigos para que se realizasse a próxima etapa. Na próxima etapa foi realizada a leitura dos resumos destes 21 artigos, com o objetivo de selecionar apenas os artigos que corresponderiam aos critérios de inclusão e exclusão deste trabalho, ou seja, artigos que abordassem a autoetnografia enquanto possibilidade metodológica e sua possível relação com a teoria marxista, marxiana.

A partir da leitura dos resumos dos 21 artigos, permaneceram 12 artigos, considerados incluídos na presente revisão, para leitura na íntegra, listados a seguir:

- 1) “A Millennial Methodology? Autoethnographic Research in Do-It-Yourself (DIY) Punk and Activist Communities”;
- 2) “The Encounters and Challenges of Ethnography as a Methodology in Health Research”;
- 3) “Imagination as Method”;
- 4) “The Waitress: On Affect, Method, and (Re)presentation”;
- 5) “Top Ten + List: (Re)Thinking Ontology in (Post)Qualitative Research”;
- 6) “Special Issue: From One to An-other: Auto-ethnographic Explorations in Southern Africa”;
- 7) “The Advantages and Disadvantages of Mixing Methods: An Analysis of Combining Traditional and Autoethnographic Approaches”;
- 8) “The ethics of autoethnography”;
- 9) “Autoethnography – making human connections”;
- 10) “The ‘I’ in IR: an autoethnographic account”;
- 11) “Transcending objectivism, subjectivism, and the knowledge in-between: the subject in/of ‘strong reflexivity’”;
- 12) “A Methodology for the Marginalised: Surviving Oppression and Traumatic Fieldwork in the Neoliberal Academy”.

Para a análise dos 12 artigos incluídos será utilizada a perspectiva da Análise de Conteúdo Crítica, que é fundamentada pelo materialismo histórico-dialético. Os aspectos teóricos-metodológico dessa análise se relaciona à visão dialética da teoria social crítica. Ela permite a apreensão da totalidade, assegurando o conhecimento da relação entre a autoetnografia enquanto método de pesquisa e o marxismo, como o objeto da presente revisão.

Ao se apoiar nas reflexões sobre o método em Marx, Netto (2011, p.21) esclarece que para esse autor, “a teoria se constitui no movimento real do objeto transposto para o cérebro do pesquisador – é o real reproduzido e interpretado no plano ideal”. Desse modo, Marx não se reduz à empiria, à sua aparência. Para ele, o conhecimento parte da aparência – da realidade, em que se inicia o conhecimento –, porém não se resume a ela. Marx (apud Netto, 2011) argumenta que se a aparência revelasse a essência, bastaria repousar o olhar sobre ela e, logo, o entendimento do mundo seria facilmente revelado; não haveria essência do objeto, dito de outro modo, não se conheceria a sua estrutura e sua dinâmica – elementos constitutivos da essência.

Assim, o conhecimento do homem deve negar a aparência, a empiria, mas não cancelá-la. A aparência torna-se importante porque a descrição dos fatos (do movimento do capital) é fundamental para o

conhecimento, mas não se esgota aí. Nesse sentido, a aparência para Marx constitui-se expressão de processos. Marx sinaliza que todo objeto revela-se por meio de expressões empíricas “coaguladas de processos”. Tal expressão é emprestada da análise de Netto (2011) e que segundo esse autor, para Marx:

“[...] o papel do sujeito é essencialmente ativo: precisamente para apreender não a aparência ou a forma dada ao objeto, mas a sua essência, a sua estrutura e a sua dinâmica (mais exatamente: para apreendê-lo como um processo) [...]” (Netto, 2011, p. 25).

Ao se valorizar o método de Marx, a Análise de Conteúdo Crítica será o centro de nossa opção metodológica na revisão que se pretende realizar. Neste sentido, a análise dos artigos incluídos na revisão será flexível para a compreensão dos conceitos e categorias utilizadas, buscando desconstruí-los (Utt & Short, 2018). Para tanto, segundo esses autores a Análise de Conteúdo Crítica deve se guiar pelas seguintes etapas: i) decisão acerca de uma proposta de pesquisa e perguntas; ii) seleção e leitura do texto para análise; iii) aprofundamento em um quadro teórico crítico e seleção de princípios importantes; iv) abordagem do contexto sócio-histórico do texto; v) leitura de estudos de pesquisa associados à temática; vi) consideração da posição do sujeito implicado ao objetivo e ao texto da pesquisa, vii) exame das questões relacionadas ao poder no contexto temático; viii) determinação da unidade de análise e organização da análise de dados; ix) leitura atenta dos textos usando as ferramentas analíticas e os princípios teóricos; x) reexame da teoria e dos textos.

Espera-se que a partir deste trabalho, possa se reconhecer as conexões possíveis entre autoetnografia e o marxismo, entendendo a autoetnografia como possível metodologia a ser utilizada para a apreensão da inserção cultural, social, econômica e política da classe trabalhadora em uma perspectiva crítica.

Este trabalho baseia-se de acordo com a Resolução n. 510/2016, a qual apresenta em seu corpo os aspectos éticos para pesquisas da área de Ciências Humanas e Sociais, onde ressalta que estudos que não envolvem seres humanos direta ou indiretamente não necessitam de submissão e aprovação em Comitê de Ética de Pesquisa.

### 3. Considerações Finais

Este processo de exploração da literatura, ainda em um primeiro momento de construção da estratégia de busca da revisão sistemática crítica demonstrou que este diálogo entre autoetnografia e marxismo mais parece um desencontro do que um encontro propriamente dito. Contudo, a remanescente de 12 estudos que aproximam o método da autoetnografia com a perspectiva da teoria social de Marx parece ser um achado importante de justifica a insistência neste caminho. Ou seja, por mais escasso que seja, existem estudos que realizam este encontro.

Espera-se que este caminho delimitado até o momento possa servir de guia para outros pesquisadores realizarem este mesmo empreendimento em outros grupos de revistas de foco metodológico (ou não), a depender da situação. É possível que, em outras áreas como no âmbito do marxismo estrito senso, ou da antropologia em geral possa haver estudos que porventura realizem análises com foco nesta interface.

### 4. Referências


- Atay, A., & Chawla, D. (2018). Introduction: Decolonizing autoethnography. *Cultural Studies ↔ Critical Methodologies*, 18(1), 3-8. <https://doi.org/10.1177/1532708617728955>
- Bochner, A. P. (2017). Heart of the Matter: A Mini-Manifesto for Autoethnography. *International Review of Qualitative Research*, 10(1), 67-80. <https://doi.org/10.1525/irqr.2017.10.1.67>
- Bochner, A. P., Adams, T. E., & Ellis, C. (2011). Autoethnography: An Overview. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 12(1), Art. 10. <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs1101108>.
- Bochner, A. P. & Ellis, C. (2000). *Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity. Methods Of Collecting and Analyzing Empirical Materials*. Handbook of Qualitative Research.
- Caprara, A. & Landim, L. P. (2008). Ethnography: its uses, potentials and limits within health. *Interface (Botucatu)*, 4, 1-20.



- Langdon, E. J. (2014). Os diálogos da antropologia com a saúde: contribuições para as políticas públicas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(4), 1019-1029. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014194.22302013>
- Nakamura, E. (2011). O método etnográfico em pesquisas na área da saúde: uma reflexão antropológica. *Saúde e Sociedade*, 20(1), 95-103. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902011000100012>
- Netto, J. P. (2011). *Introdução ao estudo do método de Marx*. 1ed. São Paulo: Expressão Popular.
- Santos, S. M. A. (2017). O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *PLURAL: Revista do Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP*, 24(1), 214-241. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.113972>
- Utt, J.; Short, K. G. (2018). Critical Content Analysis: A flexible method for thinking with theory. *Understanding & Dismantling Privilege*, 8(2), 1-7.

### Leonardo Carnut


UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0001-6415-6977>

✉ leonardo.carnut@gmail.com

### Cristhian Ricardo Schieck

USP – Universidade de São Paulo, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0001-8895-3911>

✉ cristhianschieck@gmail.com

### Lucia Dias da Silva Guerra

FSP-USP - Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0003-0093-2687>

✉ ludsguerra@gmail.com

### Áquilas Mendes

FSP-USP / PUC-SP -Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo –

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-5632-4333>

✉ aquilasmendes@gmail.com

**Data de submissão:** 02/2022

**Data de avaliação:** 04/2022

**Data de publicação:** 07/2022